



Entre sonhos e abelhas





Entre sonhos e abelhas

ADAPTAÇÃO LITERÁRIA
Janaína Freire e Rodrigo Sbardelini

ORGANIZAÇÃO E EDIÇÃO
Gilsandro Sales, Luciana Azevedo e Paula Pagú

PROJETO GRÁFICO E ILUSTRAÇÕES
Guilherme Francini





*Às alunas e alunos jovens e adultos que
contaram suas histórias e nos
inspiraram a transformar em livro seus
relatos cheios de sentido e afeto.*







“Venham ver como dão mel as abelhas do céu”

Este livro, que reúne contos escritos de modo ficcional, mas inspirados em histórias reais, é o resultado de um processo colaborativo, em que vários indivíduos se juntam e cooperam na busca por elaborar algo significativo – tal como acontece, por exemplo, com a produção do mel pelas abelhas, esses pequenos seres tão fundamentais para o ecossistema da Terra.

A ideia de nos juntarmos dessa forma para materializar este livro é, em princípio, uma necessidade curricular e um sonho coletivo de alunos de pós-graduação da PUC-SP, interessados em contribuir com suas pesquisas para algumas reflexões importantes sobre a literatura e seu impacto nas pessoas.

Com esses dois primeiros parágrafos curtos e diretos explicamos a vocês basicamente de que se trata este livro. Mais ou menos. Ou não explicamos nada. Porque este produto ao qual chamamos livro não é nem de longe somente isso. Ele tem significados múltiplos e complexos na medida em que tenta dar voz a alguns alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA), da Prefeitura de São Paulo, enquanto satisfaz parcialmente nossa busca por algo que simbolize um pouco de cada pesquisa aqui somada. Obviamente não é pos-

[7]





sível retratarmos as histórias de todos, nem apresentar os múltiplos pontos de vista acadêmicos, mas com esses (pouco) textos aqui tratados sob uma ótica da literariedade e da ficção esperamos contribuir para que mais pessoas possam tomar seu lugar de fala e abrir-se para essa leitura de mundo da qual sempre nos falou Paulo Freire.

Por isso e por tantos outros motivos, é difícil definir tudo o que esta obra coletiva representa. Escutar as histórias de vidas desses alunos de EJA, tornados sujeitos periféricos no processo educacional por não se enquadrarem no fluxo “ideal” de aprendizagem, acaba sendo um bálsamo, um acalanto, um mel. Apesar de serem vítimas óbvias do sistema cruel que se retroalimenta do sofrimento e da exclusão, esses estudantes jovens e adultos resistem, persistem. Ao se sentirem ouvidos e valorizados, esses alunos que ainda se permitem sonhar com uma formação escolar básica nos presenteiam com histórias avassaladoras (para o bem e para o mal). Atravessados pela potência das narrativas de vida desses estudantes, nós nos sentimos fortalecidos e esperançosos, curiosos e destemidos, empenhados e comprometidos, tal como os pequenos seres voadores que fazem existir e funcionar uma colmeia.

As pequeninas abelhas e seu exemplo de trabalho colaborativo são dignas de todas as homenagens sem-

[8]





pre. Representadas em músicas (como a de Vinicius de Moraes, da qual emprestamos alguns versos para compor o título desta apresentação), em pinturas, ensaios, poesias e histórias diversas, as abelhinhas seguem sendo com sua pequenez gigante um dos maiores símbolos da importância da coletividade. Aqui, elas inspiram o projeto gráfico, os textos e os sonhos desse grupo de pesquisadores.

Falando em sonhos e pensando cada vez mais na importância do indivíduo para a construção de uma sociedade mais igualitária, nada melhor que trazer as palavras do mestre brasileiro da educação justa e inclusiva:

“Ai daqueles e daquelas, entre nós, que pararem com a sua capacidade de sonhar, de inventar a sua coragem de denunciar e de anunciar. Ai daqueles e daquelas que, em lugar de visitar de vez em quando o amanhã, o futuro, pelo profundo engajamento com o hoje, com o aqui e com o agora, ai daqueles que em lugar desta constante viagem ao amanhã, se atrelem a um passado de exploração e de rotina.”

Boa leitura a todas e a todos!¹

1 Educação: o sonho possível. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org.). *O educador: vida e morte*. Rio de Janeiro: Graal, 1982.







- [15] SONHOS SÃO RETICÊNCIAS
- [19] REVOLUÇÃO
- [27] COMO TRATAR PICADA DE ABELHA
- [29] A MULHER QUE QUERIA
- [33] SONHO DE MENINA
- [41] O QUE É BOM PRA TOSSE
- [42] PARA QUE SERVE UM CADERNO?
- [49] UMA HISTÓRIA REAL
- [53] NEGRA FORÇA
- [57] POSFÁCIO
- [60] SOBRE OS IDEALIZADORES











Sonhos são reticências

A sala estava bem barulhenta, muitas vozes, umas por cima das outras. A empolgação no ambiente era palpável. Claro que era, todo mundo gosta de falar de seus sonhos e conquistas.

Para Dona Vilma não poderia ser diferente. Ela, como tanta gente naquele lugar, havia enfrentado muitos percalços em seu caminho para chegar até ali.

Dona Vilma era uma mãe dedicada que, por muito tempo, abdicou de si mesma para criar seus filhos, assim como milhares de outras “Donas Vilmas” por todo o país (e ela sabia bem disso). Aquele dia na sala barulhenta era, portanto, um dia especial para ela. Não só porque ali contaria um pouco de sua história, seus sonhos e suas motivações, mas também, porque sabia que ali ela seria ouvida de verdade.

Por muitos anos ela não se sentira assim. Era como se o mundo sempre a tivesse silenciado, uma mãe dedicada, mas antes de tudo uma mulher guerreira que, por mais que houvesse adiado seus sonhos, jamais desistira deles.

Finalmente sua vez estava chegando, a professora já estava a postos segurando o microfone para dar

[15]





voz à Dona Vilma. Assim foi, no início ela chegou um pouco acanhada, mas logo foi se sentindo mais à vontade, se soltando.

– É, aqui foi o lugar onde fiz muitos amigos – declamou para começar –, gente de todo tipo e que amo de paixão...

Ela respira um pouco antes de continuar, como se estivesse lembrando de suas próprias palavras recém ensaiadas, já que não queria fazer feio. Continuou então...

– É por isso que eu estou aqui e vou até o fim. É bem capaz de eu não passar de ano só pra continuar, sabe?

A sala explode em risos, acompanhados da risada contagiante de Dona Vilma.

– Isso é tão bom que não dá nem vontade de sair daqui.

– Eu acho que tinha de ter o Ensino Médio CIEJA, né? – A voz de uma colega vinda da plateia contribui com a fala de Vilma.

– Tinha de ter, é tão bom – responde Dona Vilma. – Eu acho que até eu chegar lá... Vou ter de ... Ah, nem vou falar, vai demorar.

Todos riem, Dona Vilma retoma o fôlego e a palavra uma outra vez.

– Mas eu quero terminar, quem sabe até estudar mais, sabe...

[16]





Com o pensamento indo e voltando para as coisas que vivenciou até aquele momento, ela seguiu sua fala.

– Eu ainda quero escrever um livro sobre essa minha vida, escrever sobre esses anos da minha história que já vivi, vai ser um livro grande.

E ela ri demoradamente. Emocionada, abre seu coração em frente à turma toda, sem pudores.

– É que a educação deixa a gente sonhar, mais do que isso ela permite a gente realizar. Eu ainda pretendo cursar alguma coisa na área militar, um curso ou uma faculdade ou algo assim, porque o meu sonho é entrar para o corpo de bombeiros.

A sala explode em palmas e salvas em apoio a ela.

– Quero estar lá, salvando vidas. Saindo na madrugada para salvar vidas.

É meu sonho. Esse é meu sonho. É meu sonho trabalhar no corpo de bombeiros.

Dona Vilma sabe que ao proclamar essas palavras, está mais perto de seu sonho, porque ao tirar as palavras do seu coração e expô-las para a sala barulhenta, que a ouve com atenção, esses desejos estão um passo mais perto de se tornarem realidade. Não importa o quanto demore, ela tem consciência disso, e pode demorar dois meses, três meses, ou até um ano ou muitos anos, mas esse é o sonho de Vilma e seu coração deseja ardentemente realizá-lo.

[17]





– Eu vou trabalhar no corpo de bombeiros!

E ela irá.

Ainda chegará fardada, paramentada exatamente como uma bombeira deve se vestir, e baterá na porta do CIEJA, uma outra turma de resistentes, tal como ela.

Esse é o sonho de Dona Vilma e, assim como a vida, sonhos são reticências.

[18]





“Sonho que se sonha só
É só um sonho que se sonha só
Mas sonho que se sonha junto é realidade.”

Estes versos de Raul Seixas é o que se concretiza nas páginas que acabamos de ler. Em 2022, munida do sonho e da crença de que o conhecimento acadêmico precisa ultrapassar as paredes da Universidade e estar a serviço do social, idealizei o repositório de Ciência Aberta em Literatura e Crítica Literária da PUC-SP, construído, na ocasião, com o apoio de alunos que acreditaram também neste propósito. Se, a princípio, era algo ainda pequeno e com muitas restrições técnicas, com a colaboração de outros colegas professores e o trabalho incansável de vários alunos-pesquisadores, o repositório tornou-se uma plataforma¹ e hoje concentra pesquisas disponibilizadas, de forma gratuita, a toda comunidade, acadêmica e não acadêmica, visando contribuir, especialmente, com a educação básica pública.

Este livro é mais uma conquista e um conteúdo importante que constitui esta plataforma. Não apenas em

¹ <https://lcl-cienciaaberta.pucsp.br/>





consonância com o pensamento de Antonio Candido², que defende o acesso à literatura como um dos direitos humanos – infelizmente, como tantos outros, ainda não efetivamente garantidos em nosso país –, mas transformando este pensamento em ação, Gil Sales, Guilherme Francini, Janaína Freire, Luciana Azevedo, Paula Pagú e Rodrigo Sbardelini garantem a alunas do Ensino de Jovens e Adultos (EJA) um espaço para expressarem suas marcantes e inspiradoras vivências. Adaptando literariamente as narrativas transmitidas de forma oral pelas alunas de uma escola municipal de São Paulo, estes pesquisadores, em um bonito e efetivo trabalho coletivo e de troca entre a Academia e a educação básica, constroem um trabalho de coautoria, conferindo a possibilidade de estas mulheres (re)conhecerem o seu papel de autoras de suas histórias pessoais e, também, de enredos literários.

Ao garantirem que estas histórias sejam disponibilizadas por meio do suporte livro, este grupo de pesquisadores possibilita, ainda, que os resultados desse trabalho coletivamente desenvolvido se propaguem. Neste aspecto, o título desta publicação não poderia ser

2 CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. *In*: Candido, A. *Vários escritos*. 3 ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.





mais apropriado: assim como as abelhas, ao pousarem de flor e flor, coletam o pólen para o transportarem, depois, para outras flores, permitindo a reprodução das plantas e a garantia de frutos de melhor qualidade e maior número de sementes, também este livro cumpre um importante propósito social. Sua leitura não somente permitirá que outras pessoas conheçam as vozes, inquietações e sonhos daquelas que se encontram, hoje, marginalizadas na própria estrutura do ensino brasileiro – os estudantes da EJA sofrem preconceitos e críticas, advindas da sociedade e mesmo no ambiente familiar, por não terem concluído o ensino básico na época prevista – como poderá servir como inspiração para que outras vozes também nela se (re)conheçam e conquistem seu espaço de expressão.

Não poderia, aqui, deixar de registrar minha gratidão a cada um dos pesquisadores envolvidos neste projeto. Ver o conteúdo que foi apresentado na disciplina de “Literatura e Leitura: a materialidade do livro como elemento orgânico na cadeia leitora” de forma concreta me enche de orgulho e crença de que, juntos, como em uma colmeia, podemos construir espaços para sonhos e para uma educação, de fato, democrática.

Profa. Dra. Diana Navas

[59]

